

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



Sarmento, Francisco Martins de Gouveia de Moraes (Guimarães, 1833 – 1899)

Era o único varão dos cinco filhos de uma família vimaranense, abastada, mas sem velhos pergaminhos, ainda que, aos 21 anos, tenha recebido carta de brasão de Moço Fidalgo da Casa Real. Seu pai, Francisco J. de Gouveia Moraes Sarmento, fora alferes de milícias em Braga e casara com Joaquina Cândida de Araújo Martins, que se orgulhava de ser tia de uma figura de certo relevo na política nacional, o qual viria a ser o 1.º conde de Margaride. O casal possuía, entre as suas várias propriedades, a Casa da Ponte, em S. Salvador de Briteiros, onde residia a família e na qual se encontra o castro homónimo que tanta importância irá ter no percurso científico de Martins Sarmento. A sua formação iniciou-se aos oito anos, com a instrução primária, em Guimarães, e continuou no Colégio da Lapa, no Porto, tendo terminado em Coimbra, onde concluiu os estudos preparatórios, que lhe permitiram uma precoce entrada Universidade. Ao que parece, a sua vida de estudante universitário não passou ao lado da famosa boémia coimbrã e das aventuras poéticas de cunho ultra-romântico, tão típicas da sua geração. Apesar disso, aos vinte anos era bacharel em Direito. No entanto, o seu percurso pessoal pouco teve que ver com esta sua formação académica, uma vez que nunca exerceu, vivendo dos rendimentos do seu avultado património, na companhia de uma das suas irmãs. O seu casamento tardio (aos 43 anos) com Maria de Freitas Aguiar melhorou ainda mais a sua situação económica, dispondo sempre de condições para suportar os custos consideráveis que os seus interesses literários e científicos acarretavam, em particular os implicados pela investigação arqueológica. Sobre ele diz Émile Cartailhac (*Les âges pré-historiques* 1886, p. 272): «Il y a dans le nord du Portugal, à Guimarães, un homme instruit et fortuné, enthousiaste et généreux, qui s'est dévoué à l'histoire de son pays».

Para alguém com enorme curiosidade intelectual e sem problemas económicos, Martins Sarmento, por motivos de saúde ou pelo seu temperamento, foi pessoa pouco dada a viagens, como nota o seu principal biógrafo. As suas únicas saídas de Portugal consistiram em duas deslocações à Galiza, a uma região bastante próxima da fronteira, não tendo ultrapassado a ria de Vigo. O eminente epigrafista alemão, Emílio Hübnér, notável epigrafista alemão, por ele recebido de modo particularmente afável na sua casa de Guimarães, em vão o convidou para uma deslocação à Alemanha. Como todo o homem culto do seu tempo, Sarmento conhecia as línguas clássicas, em particular o latim, essencial na formação académica do



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

seu tempo, tendo desenvolvido a sua aprendizagem no Colégio da Lapa. Naturalmente, conhecia também as principais línguas estrangeiras da Europa, acima das quais se encontrava o francês, língua de cultura da época. No entanto, Sarmento raramente demonstra explicitamente o seu conhecimento uma vez que o seu círculo de correspondentes estrangeiros é bastante restrito, se comparado com outras figuras do seu tempo. A principal excepção é Hübner que lhe dirige as missivas em francês, mas o epigrafista alemão, compreendendo bem o português, pede expressamente para lhe escrever na sua própria língua. Quanto às restantes línguas, Sarmento, comprador compulsivo de livros que tratam os temas do seu interesse, adquire importante bibliografia em vários idiomas (espanhol, inglês, italiano, alemão) demonstrando pelo menos o seu conhecimento passivo. Por isso são aqui pertinentes as palavras que Hübner lhe dirige numa carta: “vous êtes un debateur de premier rang et j’admire la multitude de livres en toutes les langues que vous avez lus” (Cardozo, M., *Correspondência...*, 1947, p. 201).

Sarmento não exerceu nenhuma profissão, não se integrou em instituições de natureza política nem, em boa verdade, em qualquer movimento organizado. No entanto, como homem perspicaz e de pensamento livre, exprimiu, na sua obra uma opinião política, de forma muito crítica, com tom marcadamente liberal, denunciando erros do regime, combatendo injustiças e promovendo a educação popular. Desta forma, integrou algumas iniciativas que de certa forma se inseriam na sua concepção do que deveria ser o seu papel como homem e cidadão empenhado. Uma das suas primeiras e mais conhecidas intervenções registou-se no “caso do Juiz Seco”, um pequeno episódio da História de Guimarães que chegou a ter alguma repercussão no contexto nacional. Em 1868 foi colocado na comarca o juiz de direito Francisco Henriques de Sousa Seco, cujas atitudes prepotentes, que chegaram a atingir o Presidente da Câmara, suscitaram a revolta das mais distintas personalidades locais. Martins Sarmento colocou-se à cabeça dos que reclamavam contra a arbitrariedade do magistrado e exprimiu a sua posição numa publicação local, especificamente editada para o contestar, “Justiça de Guimarães” (1872). A pressão da opinião pública acabou por produzir o seu efeito e o juiz foi transferido, facto que deu lugar a festejos generalizados. O seu empenho em promover o bem-estar comum, em particular o dos mais desprotegidos, revelou-se na constituição da muito efémera Associação de Lavradores, que Alberto Sampaio define como “espécie de sociedade de socorros mútuos rural”. A sua consciência social (política, pelo menos no seu sentido etimológico) levou-a em especial a constituir, ainda em vida, a Sociedade Martins Sarmento e a ela deixou (não apenas ele como a esposa) uma boa parte dos seus bens, legado com o qual deu dimensão a uma instituição ainda hoje notável na promoção e divulgação cultural, em particular na vertente histórico-arqueológica. Portanto, Martins Sarmento, afastando-se deliberadamente da actividade política em sentido estrito, nutrindo mesmo algum desprezo por ela, demonstra uma elevada consciência cívica, o que constitui, naturalmente, uma outra forma de participação política.

Alberto Sampaio, traçando o seu perfil e analisando a sua produção escrita, definiu “três ciclos” no seu percurso intelectual: o primeiro, constituído por composições poéticas, centrar-se-ia essencialmente no ano



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de 1855; o segundo, correspondente aos estudos literários e sociológicos, abarcaria um período compreendido entre 1856 e 1874; por fim, a terceira fase, sem dúvida a mais importante, compreenderia os estudos históricos e arqueológicos, desde esta última data até à sua morte, em 1899. No que diz respeito às primeiras vertentes, assume algum significado, para além do que escreveu, a sua estreita amizade com Camilo Castelo Branco, aspecto menos conhecido dos historiadores, mas com frequência sublinhado quando se trata de analisar o seu perfil biográfico e de homem de cultura. Sarmento é, de facto, reconhecido especialmente como arqueólogo e aceita bem o título de “escavador da Citânia”. Mas, naturalmente, reage com irritação ao qualificativo depreciativo de “escavador de montes” com que um ministro do reino, o duque de Ávila e Bolama, mostrou o seu desagrado pelo facto de o vimaranense ter recusado a comenda de S. Tiago, depois de alguma controvérsia em torno dessa concessão (Cardozo, *Francisco Martins Sarmento...*1961, pp. 5-6).

No que diz respeito ao seu pensamento, se algum tópico o percorre é a sua inserção plena no quadro cultural, profundamente nacionalista, que tanto peso tem na intelectualidade da segunda metade do séc. XIX. No que diz respeito à sua intervenção específica, ganha especial relevo a caracterização étnica e cultural dos lusitanos, por ele tomados como nossos antecessores. Em consonância com os seus contemporâneos, também o erudito vimaranense pensa que a questão principal que enfrenta reside em definir a essência do “homem português”, neste caso através da análise dos seus antecedentes mais remotos, em especial das populações que precederam neste território os romanos. Sarmento distancia-se, neste aspecto particular, da perspectiva de Alexandre Herculano, que contestava e recusava, com bons argumentos, o estabelecimento de um vínculo entre as realidades pré-romana e do mundo contemporâneo. Apesar da justeza dessa posição característica do positivismo oitocentista, constata-se que boa parte dos que se dedicavam ao estudo do passado pré-romano do Ocidente peninsular, entre eles Leite de Vasconcelos, não a partilham. A originalidade de Sarmento, aspecto que ele sempre fez questão de sublinhar e estender a diversos domínios, residia numa singular interpretação da geografia e, especialmente, da etnologia dos Lusitanos. No que diz respeito à primeira vertente, a sua ideia consiste em atribuir-lhes um território que vai do centro de Portugal até ao extremo Noroeste, englobando galaicos e lusitanos numa mesma realidade cultural, interpretando convenientemente um passo de Estrabão. Embora esta sua interpretação incluía alguns aspectos menos comuns (como a vinculação do mundo lusitano aos castros do NW), não entra em conflito com outras perspectivas historiográficas coetâneas ou até mais recentes. De qualquer modo, sobressai particularmente a convicção de que “a unidade civilizacional dos antigos galegos e dos antigos lusitanos” não era para ele “um problema novo, mas um dogma velho” (Sarmento, *Dispersos*, p. 165). Esta antiga afinidade, na sua ideia, prolongar-se-ia ao longo dos séculos e poderia ainda ser verificada no seu tempo.

No que diz respeito à questão de fundo, isto é, ao problema etnológico, a sua originalidade reside em contrariar uma ideia que dominava o panorama científico da altura, sustentado por muitos dos grandes



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

estudiosos coetâneos da questão, segundo a qual esse povo lusitano (ou lusitano-galaico) tinha uma matriz céltica (vd. Millán González-Pardo, “El anticeltismo...” 1983 e Guerra, “F. Martins Sarmiento...”, 1999). Pela persistência e frontalidade com que se opõe a esta teoria, Martins Sarmiento afirma a singularidade do seu pensamento e, na mesma medida, sublinha o seu isolamento, circunstância de que se orgulha e que a sua personalidade sempre reivindicou. Na sua crença, os movimentos de populações célticas, tão presentes na historiografia da época, afectando amplamente outras regiões da Europa, nunca teriam atingido o mundo lusitano. Uma das vertentes da sua argumentação assenta num princípio de que, se tais movimentações tivessem existido, as fontes literárias gregas e latinas tê-lo-iam registado. Deste modo, aceita a sua presença no Sudoeste ibérico, onde as fontes colocam populações célticas e na área celtibérica, como o próprio étnico o indica, mas recusa a sua presença no Noroeste. Para isso tem de contornar habilidosamente a questão ao considerar que os *Neri*, também designados como Célticos, habitantes do extremo Noroeste, não contribuiriam para modificar a sua teoria porque, sendo um grupo pequeno, teriam sido “absorvidos” pelos lusitanos. Deste modo, colocando questão da origem destas populações, vai encontrar a resposta no poema *Ora marítima* de Avieno que analisou circunstanciadamente no que dizia respeito ao Ocidente peninsular. Acolhendo a interpretação de K. Müllenhoff, prestigiado editor do texto latino, Sarmiento sustentava que esta obra, atribuída ao séc. IV d. C., que ainda hoje suscita ampla controvérsia, compilaria remotas informações geográficas colhidas num périplo fenício, o que permitiria caracterizar um quadro precoce da etnologia da Hispânia. O passo valorizado pelo arqueólogo da Citânia dizia especificamente que os Cempsos e Sefes habitavam o território de Ofiussa e que junto a eles, na parte setentrional, se encontravam os Lígures e Dráganos, o que, para ele, só poderia corresponder ao Noroeste peninsular, interpretação que Adolfo Coelho contesta.

Assume alguma importância no plano epistemológico o facto de Martins Sarmiento se basear nos dados de natureza literária colhidos nas fontes clássicas e de não colocar em causa a sua fiabilidade. Num momento em que o positivismo tinha assumido peso considerável no âmbito dos estudos clássicos e em que alguns levaram mesmo ao extremo a descredibilização desses textos, revela, neste aspecto, uma proximidade com a tradição humanista. A sua leitura e interpretação dos textos clássicos revela-se muito peculiar, mas quase sempre longe das correntes críticas e hiper-críticas que marcaram o seu tempo.

Aos argumentos colhidos nos textos, Sarmiento adiciona, naturalmente, os de natureza arqueológica, tomando as particularidades da cultura material dos castros (revelados em aspectos como a estrutura das habitações, a produção cerâmica, a escultura, os guerreiros galaicos) como uma clara manifestação de originalidade da sua cultura. Se esta componente da sua teoria poderia parecer mais sólida, ela entrava em conflito com a convicção então vigente de que a língua falada no Ocidente hispânico era céltica. Teve, por isso, que enfrentar a contestação de alguns notáveis da “glótica” (nome então corrente para designar o que hoje chamamos linguística), em particular Leite de Vasconcelos e Adolfo Coelho, que lhe recordaram a natureza claramente céltica de um conjunto significativo de nomes inequivocamente associados ao mundo



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

lusitano, tal como ele o concebia. As divergências de Leite de Vasconcelos com o seu antigo mestre (mas com o qual as relações tinham irremediavelmente arrefecido) situam-se num plano de confrontação de ideias dentro de um certo respeito mútuo. Ao contrário, com Adolfo Coelho, professor de Glotologia no Curso Superior de Letras, a discussão assume uma faceta muito mais conflituosa, como era típico do meio intelectual da época (A.Coelho, “Questões ethnogenicas. Lusitanos, lígures e celtas”. *Revista Archeologica*. Lisboa,3, pp. 129-77; 4, pp. 153-161). Este professor, do alto da sua “cátedra”, avalia desta forma as competências de Martins Sarmento: “não faz ideia clara dos methodos da critica applicaveis aos textos classicos, dos principios mais elementares da sciencia da linguagem, das bases das sciencias ethnicas; é um trabalhador isolado numa pequena cidade de província, rodeado de pessoas bem intencionadas, mas sem competência para discutirem as suas opiniões, que aceitam incondicionalmente.” Entra-se, inevitavelmente, no domínio da polémica aberta, terreno em que também Martins Sarmento se sente à vontade. A resposta directa é dada num extensíssimo texto (“Lusitanos, Lígures e Celtas”), publicado em vários números da “sua” *Revista de Guimarães*, entre 1890 e 1894.

Apesar da importância dos seus opositores a convicção de Sarmento é inabalável. O mundo lusitano deveria considerar-se pré-céltico, ou, para se definir de modo mais preciso, lígure. Este qualificativo com que definiria um enquadramento étnico concreto remete para uma realidade mais complexa e, à luz da investigação coetânea, algo ambígua, controversa e difícil de definir. Por isso, esta componente da sua interpretação histórica constitui, numa moderna apreciação do rigor metodológico da sua investigação, um dos aspectos mais problemáticos. Na sua perspectiva, os lígures teriam chegado a este território através de migrações a partir de regiões mais setentrionais da Europa (das margens do Báltico), estimuladas por movimentos de populações de celtas que antecederiam em muito as chamadas “invasões célticas”, situadas por ele no séc. VII a. C. Seriam parentes dos Albiões e dos Hibérnios e teriam, como eles, uma origem indo-europeia. Por isso os classifica, usando a terminologia da época, como “ários pré-celtas”, considerando que se teriam fixado no Ocidente hispânico numa fase precoce e sustentando que a eles se deveria já associar a “civilização dos dólmenes”.

O seu anti-celtismo tem como complemento a convicção de as populações do Ocidente hispânico podiam orgulhar-se de um contacto bastante precoce e estreito com a cultura grega. Os argumentos que suportavam esta ideia residiam nas informações literárias e nos vestígios da cultura material. No que dizia respeito ao primeiro, eram eloquentes as indicações dadas por Plínio que considerava que numa determinada área da Galécia se tinham fixado populações de ascendência grega, o que se patenteava, desde logo, no nome dos *Heleni*, mas que também se estenderiam a outros indícios, como a existência de outra entidade, os *Amphiloci*. A este dado onomástico, junta um argumento arqueológico, a existência de elementos decorativos, tais como uma das formas de suástica, o tetráscelo, cuja presença na antiga Micenas lhe permite sugerir que alguns motivos decorativos que ocorrem na Pedra Formosa e nas portas



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de habitações de Briteiros denunciam uma relação cultural com o mundo micénico (“A Arte Micénica ...”, 1899).

Uma vertente não negligenciável da sua actividade científica tem que ver com a dimensão que revestem os seus trabalhos fotográficos, numa época em que o processo é raríssimo e caro. Martins Sarmento, muito aberto às novidades e entusiasmado com os elementos visíveis do progresso, torna-se um adepto da captura de imagens fotográficas, actividade que exigia também ela muito estudo e consideráveis recursos económicos. Como este último aspecto não constituía para ele uma dificuldade, legou-nos um conjunto notável de clichés e fotos que documentam especialmente os seus interesses científicos, não apenas no domínio da arqueologia, mas também da etnografia (E.Brito ed., *Reimaginar Guimarães...* 2012). No que à primeira diz respeito, pode sublinhar-se o papel fundamental que as imagens por ele captadas tiveram na investigação epigráfica. Tendo-se tornado um dos mais assíduos correspondentes de Emílio Hübner (Guerra, “Emílio Hübner e os arqueólogos Portugueses”..., 2014, pp. 226-228), que então elaborava o *Supplementum* do seu vol. II do *Corpus Inscriptionum Latinarum*, proporcionava-lhe com frequência fotografia das inscrições, instrumento fundamental de análise da documentação, superando desta forma muitas das limitações que os decalques mais ou menos rigorosos dos restantes correspondentes apresentavam. Se tivermos em conta que o próprio Hübner não dispunha desse dispendioso recurso e que só muitas décadas mais tarde se define o recurso à fotografia como componente essencial do estudo dos documentos epigráficos, podemos dizer que Sarmento foi um verdadeiro precursor nesta vertente da investigação. Ainda que esta vertente seja habitualmente mais esquecida, foi já devidamente assinalada e constitui seguramente uma das componentes mais proeminentes do seu espírito científico e “progressivo”.

A sua afirmação perante a comunidade científica assentou, a par das suas publicações e das escavações em Briteiros e Sabroso, em três eventos. O primeiro consistiu numa conferência e visita à Citânia, organizadas por Martins Sarmento e Albano Belino, que se concretizou em 1877. Embora algumas das figuras relevantes não tenham respondido afirmativamente ao convite, o acontecimento teve algum impacto, especialmente no plano nacional. Uma outra realização semelhante decorreu no dia 8 de Outubro de 1880, no contexto da IX Sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, que decorreu em Lisboa, tendo os participantes nesta reunião científica percorrido as ruínas da Citânia de Briteiros, guiados por Sarmento (Lemos, “A excursão ao Norte de Portugal...” 1988). Tendo em consideração que foi igualmente escolhido como um dos oradores portugueses nessa reunião académica, pode concluir-se que, na sua globalidade, este acontecimento foi um dos mais substanciais contributos para a sua projecção internacional. Enfim, nos inícios de Agosto de 1881 concretizou-se a Expedição Científica à Serra da Estrela, promovida pela Sociedade de Geografia de Lisboa e a secção de Arqueologia foi da responsabilidade do seu sócio n. 729, Martins Sarmento, o qual elaborou também o correspondente relatório (“Etnologia — Os Celtas...”, 1883). Dado o prestígio que essa agremiação tinha, a escolha do



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

arqueólogo vimaranense para assumir essa responsabilidade diz bem do prestígio que tinha adquirido nesse domínio científico em fase de afirmação.

Sarmento sempre foi um homem de “pensamento livre”, que prezava a originalidade das suas ideias, nem sempre fácil de enquadrar no contexto das grandes correntes do seu tempo. Mostra, todavia, conhecer os principais investigadores europeus no domínio da arqueologia, etnologia, linguística e até a antropologia física. Esta última vertente considerava-se fundamental para a caracterização das antigas populações, na sequência dos trabalhos de Broca, que bem conhece. Embora o peso da cultura francesa na Europa de então se fizesse sentir com especial força em Portugal, não é apenas a investigação com essa origem que se encontra mais reflectida na sua obra. Na linguística destaca-se D’Arbois de Jubainville, conhecido especialmente pelos seus estudos das línguas célticas e de etnologia (especialmente, *Les premiers habitants de l’Europe*), mas também se encontram referências ao suíço Adolphe Pictet e aos alemães Karl Brugmann e Otto Schrader a propósito das suas obras de linguística comparativa, para além de Humboldt. Nas questões de etnologia antiga, que assumem um especial relevo na sua obra, sobressaem referências às obras do barão de Belloguet (Dominique-François-Louis Roget, com o sugestivo título de *Ethnogénie gauloise, ou Mémoires critiques sur l’origine et la parenté des Cimmériens, des Cimbres, des Ombres, des Belges, des Ligures et des anciens Celtes*) e de Dieffenbach (*Celtica; Origines Europae*), mas as suas referências são muito diversificadas, estendendo-se especialmente a Amédée Thierry (*Histoire des Gaulois*), John Rhys (*Celtic Britain*), Henri-Guillaume Moke (*La Belgique ancienne et ses origines gauloises, germaniques et franques*) e Adolf Holtzmann (*Kelten und Germanen*), alguns destes provavelmente incluídos por Adolfo Coelho na lista dos “escritores de importância secundária” em que o vimaranense encontra apoio para as suas teorias. Na vertente arqueológica, destacam-se Alexandre Bertrand (da sua extensíssima obra recorre especialmente a uma obra em 5 volumes publicada sob o título *Nos Origines*), Grabiél de Mortillet (*Musée Préhistorique; Le Préhistorique*) e Émile Cartailhac (*Les âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*). Apesar disso, Sarmento não se considera um académico e cultiva mesmo algum distanciamento da comunidade científica em geral, com algumas excepções. Coloca-se, por regra, na posição de quem pretende que os “sábios” aportem algum conhecimento substancial que resolva as principais questões que o atormentam. Por isso aceitou, por vezes, integrar o círculo erudito. Mas essas raras ocasiões não contradizem a imagem de erudito que assume a sua condição de “provinciano” porque ele verdadeiramente se sente o representante de uma cultura local, honesta e honrada, que constituiria uma espécie de contraponto ao universo urbano, ao academismo e ao círculo das honrarias e dos corredores do poder.

Bibliografia activa: *Os redactores da «Justiça de Guimarães» e o juiz de direito F. H. Sousa Seco*. Guimarães: Tipografia Vimaranesa, 1872; *Ora marítima [de] R. Festus Avienus: estudo deste poema na parte respectiva à Galiza e Portugal*. Porto: Typ. A. J. da Silva Teixeira, 1880; “Les Lusitaniens”. *Compte*

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Rendu de la 9ème Session du Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistorique en 1880. Lisbonne: L'Académie Royale des Sciences, 1880, pp. 393-431; “Etnologia — Os Celtas na Lusitânia (Estudo)”. In: *Dispersos*, Coimbra, 1883, pp. 100-128; *Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881: Secção de Arqueologia. Relatório do sr. Dr. Francisco Martins Sarmiento*, Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1882; “Os Argonautas. Subsídios para a antiga história do Ocidente”. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 4, 1887, pp. 5-20; *Os Lusitanos, questões de etnologia*. Porto: ed. Autor, 1889; “A Arte Micénica no Noroeste de Hispânia”. *Portugália: Materiais para o estudo do povo Português*. Porto. Tomo I, fasc. 1, 1899, pp. 1-12; “Lusitanos, lígures e celtas”. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 7, 1890, pp. 101-119; 161-182; 8, 1891, pp. 5-28; 10, 1893, pp. 73-88; 141-160; 11, 1894, pp. 187-199.

Bibliografia passiva: CARDOZO, Mário, “Martins Sarmiento em terras de Galiza”. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 66, 1956, pp. 109-124; Id., *Francisco Martins Sarmiento Esboço da sua Vida e Obra científica*. Guimarães, 1961. Disponível em: [Casa de Sarmiento](#); GUERRA, Amílcar, “F. Martins Sarmiento e a Questão do Celtismo”. *Revista de Guimarães*. Guimarães. Volume Especial, I, 1999, pp.179-192; Id., “Emílio Hübner e os arqueólogos Portugueses”. *Historia del Instituto Arqueológico Alemán de Madrid = Geschichte der Madrider Abteilung des Deutschen Archäologischen Instituts; Faszikel 4.: Emil Hübner und die Altertumswissenschaften in Hispanien (Akten des Kolloquiums, Madrid 19.-20. Nov. 2008)*. Darmstadt - Mainz : von Zabern, 2014, pp. 219-240; LEMOS, Francisco Sande (1985) – A conferência de 1877 na Citânia de Briteiros. *Cadernos de Arqueologia*. Braga. S. II, 2, pp. 195-214; Id., “A excursão ao Norte de Portugal do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (1880): Braga e a Citânia de Briteiros”. *Forum*. Braga, 4, 1988, pp. 43-56; Id., “Martins Sarmiento na Arqueologia Portuguesa dos anos setenta e oitenta”. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 105, 1995, pp. 117-126. MILLÁN GONZÁLEZ-PARDO, Isidoro, “El anticeltismo de Francisco Martins Sarmiento”. *I Colóquio Galaico-Minhoto (Ponte de Lima, 1981)*. Ponte de Lima, 1983, pp. 45-109; SAMPAIO, Alberto, “F. Martins Sarmiento”. *Portugalia*. Porto, Tomo I, Fasc. II, 1900, pp. 417-420; NEVES, António Amaro das - Camilo e Martins Sarmiento: no trilho de dois românticos. *O Povo de Guimarães*, n. 210, de 10 de Março de 1982 Disponível em: [Memórias de Araduca](#).

Amílcar Guerra